Data: 01.07.2021

Titulo: Grande Lisboa fecha ao fim de semana às 15h30 e mais concelhos recuam

Pub: i

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 1;6;7

Área: 1860cm²/ 71% **Tiragem:** 16.000 FOTO **Cores:** 4 Cores **ID:** 7169207

4.ª vaga está para durar

Grande Lisboa fecha ao fim de semana às 15h30 e mais concelhos recuam

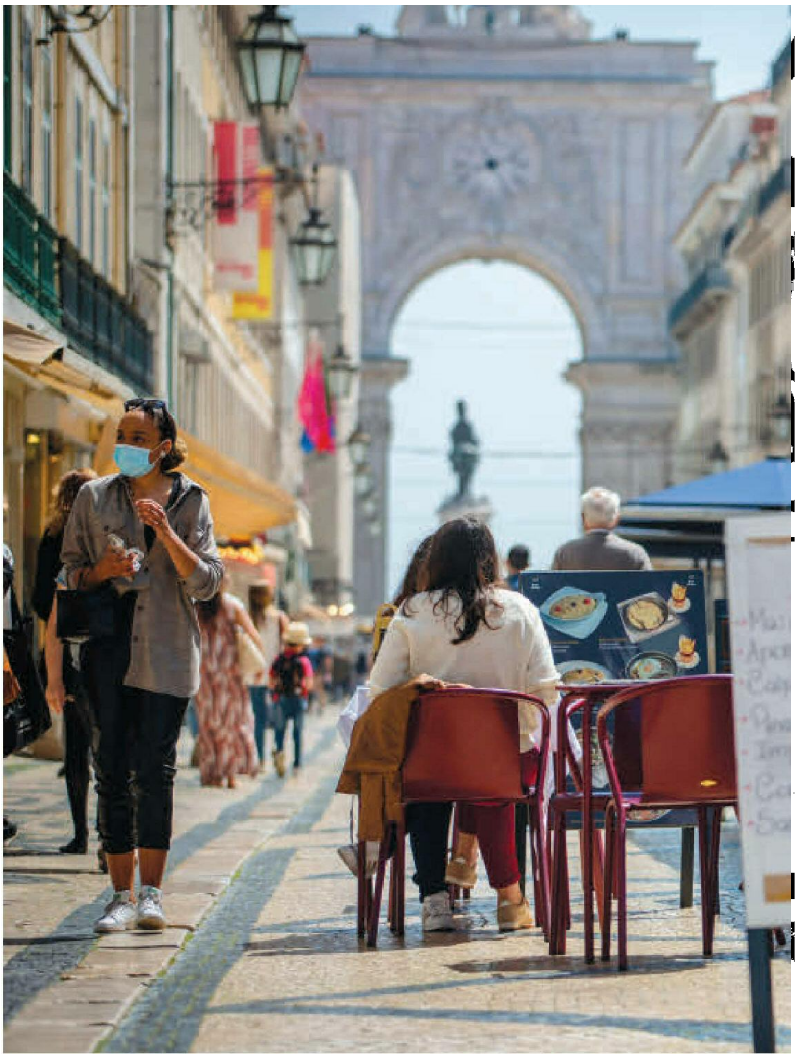
Especialistas admitem que, sem medidas mais duras, infeções vão continuar a subir. "Vai piorar antes de melhorar". Escolas representam 40% dos surtos e fim das aulas pode ajudar

Primeiro-ministro confinado. DGS responde a Presidente da República com princípio de precaução e normas em vigor, que poderão ser revistas se "situação epidemiológica o suportar"

// PÁGS. 6-7

Data: 01.07.2021
Titulo: Grande Lisboa fecha ao fim de semana às 15h30 e mais concelhos recuam
Pub: i
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 1;6;7
Área: 1860cm²/ 71%
Tiragem: 16.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7169207

Grande Lisboa fecha mais cedo ao fim de semana e 4.ª vaga está para durar



Especialistas admitem ao i que, sem medidas mais duras, infeções vão continuar a subir e cuidados intensivos podem chegar à linha vermelha a nível nacional em julho.

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

A situação epidemiológica agravou-se nos últimos dias com o aumento de diagnósticos em todo o país e mais doentes a recorrerem aos hospitais tanto em Lisboa, como no Algarve e no grande Porto. Os contágios multiplicam-se nos convívios e em Lisboa e no Porto volta a ser comum saber de alguém infetado ou em isolamento, sinal de transmissão comunitária descontrolada.

Para o Conselho de Ministros desta quinta-feira seguem dados epidemiológicos que mostram que as medidas das últimas semanas tiveram pouco efeito no evitar que a variante delta alastrasse ao resto do país ou na contenção do aumento de casos. Na Área Metropolitana de Lisboa, ao que o *i* apurou, o RT já voltou também a subir. Só esta segunda-feira houve 360 casos na capital e as notificações estão a surgir com mais atraso.

Na semana passada, praticamente todos os concelhos da Área Metropolitana de Lisboa tinham ficado em risco de andar para trás no desconfinamento, pela primeira semana acima dos 240 casos por 100 mil habitantes, arriscando recuar para horários de fecho às 15h30 ao fim de semana, o que se confirmou nos últimos dias. Concelhos como Sintra, Cascais e Amadora estão já acima dos 300 casos por 100 mil habitantes, antevendo-se um fim de semana já com restrições mais apertadas.

Lisboa, que recuou na semana passada, já passou os 600 casos por 100 mil habitantes a 14 dias e Albufeira está acima dos 700, pelo que deverão manter-se na etapa de desconfinamento mais recuada do plano que está a ser seguido pelo Governo.

A Norte, o Porto mantém-se pela segunda semana consecutiva acima dos 120 casos por 100 mil habitantes e deverá recuar para horários de fecho às 22h30, mas os recuos não se devem ficar por estes concelhos, com mais municípios a entrar em alerta e os que já estavam a recuar.

Sem antecipar decisões, que remete para o Conselho de Ministros de hoje, o Ministério da Saúde avançou com a comparticipação a 100% de testes rápidos (cada pessoa tem direito a fazer quatro testes gratuitos por mês) e as opções em cima da mesa passam também por reforçar o seu uso.

Ao i, Filipe Froes, coordenador do gabinete de crise da Ordem dos Médicos, considera que a esta altura a "cerca" ao fim de semana na Área Metropolitana de Lisboa tem pouca utilidade. "Não é uma cerca, é um terço de cerca. As pessoas saem à sexta e voltam à segunda. Para combater este vírus precisamos de medidas inteiras e que sejam coerentes", diz, defendendo o reforço do uso dos certificados digitais no acesso a eventos e deslocações como complemento das medidas de distanciamento e uso de máscara. Por três motivos: "É um estímulo à vacinação, à testagem e ao rastreio e pode ser visto como complemento de segurança, a sua utilização acrescenta segurança às medidas em vigor."

O médico insiste que são necessários sistemas de informação mais ágeis que permitam controlar atempadamente a situação epidemiológica, classificando de tardia a resposta ao aumento da variante delta e reforçando a necessidade de uma matriz mais completa do que a atual que reflita para cada região o estado de cobertura vacinal e a pressão nos hospitais. "Utilizamos sistemas de informação tardios que prejudicam a tomada rápida de decisão e temos de rever mecanismos de acompanhamento da situação em tempo real".

"VAI PIORAR ANTES DE MELHORAR"

Sem medidas de confinamento, que nenhum dos especialistas ouvidos pelo i antecipa, a perspetiva é que os casos continuem a subir e que a 4ª vaga atinja os níveis de incidência do outono, o que já aconteceu por exemplo em Albufeira ou nas faixas etárias mais novas na grande Lisboa.

Ao i, Manuel Carmo Gomes, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, é taxativo: "Vai piorar antes de melhorar". "Na minha opinião desconfinámos rápido de mais, fomos pouco prudentes na segunda fase de maio em que já tínhamos indicadores a subir e ouvimos declarações pouco cautelosas de altos responsáveis de que a pressão não seria a mesma porque as pessoas já estavam vacinadas, que de alguma forma podem ter contribuído para o relaxamento das faixas etárias mais novas. Juntamente com a nova variante, temos esta situação. Neste momento temos uma corrida entre a variante delta e a vacinação", resume, considerando também que um confinamento, no sentido de evitar o atual cenário, teria sido tomado mais cedo. "É uma decisão política. Existe pressão sobre o sistema de saúde, que vem prejudicar muito a recuperação dos doentes não covid, mas o SNS aguenta. E agora já não evitamos consequências duras para a economia como ir parar à lista vermelha dos alemães ou dos ingleses. Não há uma dicotomia entre saúde pública e economia e isso está mais uma vez à vista, o que lamento é não termos aprendido as lições de 2020", diz. "Se me pergunta, quando é que esta curva vai achatar, não sei responder. Não sei se será algures em julho

Data: 01.07.2021

Titulo: Grande Lisboa fecha ao fim de semana às 15h30 e mais concelhos recuam

Pub: i

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 1;6;7

Área: 1860cm²/ 71% **Tiragem:** 16.000 FOTO **Cores:** 4 Cores **ID:** 7169207

COVID-19

Renato Gonçalves

ou em agosto. Tenho esperança que em agosto a vacinação acabe por superar esta subida. Não me parece que o país vá voltar atrás em termos de grandes confinamentos, há concelhos a marcar passo e outros que recuaram, mas isso só por si não vai evitar que continuemos a ter uma subida de casos. Da forma como as coisas estão agora, ou haveria medidas de confinamento mais duras que ninguém quer, ou é com a vacinação que lá vamos, que penso que é o que vai acontecer, mas isso significa que vamos assistir dia a dia paulatinamente ao aumento de casos", diz, admitindo que o fim das aulas pode ter um efeito benéfico na transmissão como aconteceu no ano passado. A esta altura, revelou esta semana ao i a DGS, 40% dos 323 surtos ativos no país são em estabelecimentos de ensino. Mas os 567 casos ativos em surtos ligados a escolas estão longe de explicar os 11 mil casos que o país registou nos últimos sete dias, um novo máximo desde fevereiro.

As projeções da equipa da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa são que daqui a cinco dias o país ultrapasse a linha crítica em termos de incidência: 240 casos por 100 mil habitantes (ontem chegou aos 186 casos por 100 mil).

O momento de maior pressão hospitalar, além dos centros de saúde que já estão de novo inundados de infetados para seguir em prejuízo da atividade assistencial normal, pode chegar em julho, numa altura em que ninguém arrisca apontar um momento para o pico de casos. Carlos Antunes, investigador da FCUL, explica que para isso seria preciso ver uma descida consolidada do RT, que tem tido flutuações, e apresenta outros dados: comparando com os rácios da segunda vaga no outono, com a atual incidência de novos casos o país estaria com 700/800 doentes internados, cerca de 20 óbitos diários e 120 doentes em cuidados intensivos. No caso dos internamentos em enfermaria, há uma redução de cerca de 25% e nos óbitos de 80%, o que pode ser associada à vacinação, mas a incidência mascara um dado que explica por que razão no caso das unidades de cuidados intensivos há o mesmo número de doentes que havia no outono passado. Quando se calcula a incidência a nível nacional, acaba por ser uma média de todos os grupos etários, e atualmente é mais baixa nos mais velhos, mais avançados na vacinação, mas mais alta nos mais novos, que são assim um universo maior do que eram quando o país registava esta incidência em outubro.

"Em Lisboa os doentes covid em UCI já representam 25% das camas de cuidados intensivos, no Algarve 30%, no Norte 6%, mas com esta tendência de aumento a linha vermelha das 245 camas de cuidados intensivos poderá ser ultrapassada durante o mês de julho e aí pode haver um entendimento sobre a necessidade de mais medidas", antecipa o investigador. As projeções do Centro Europeu de Controlo e Prevenção de Doenças, revistas mais uma vez esta semana, colocam o país numa trajetória em que chegará dentro de quatro semanas a uma média diária de 2500 casos, com 17 mil casos por semana, podendo duplicar o atual número de mortes. Em junho já morreram mais pessoas com covid-19 do que em maio, que tinha sido o mês com menos vítimas mortais desde o início da pandemia. Até ontem tinham morrido 71 pessoas com covid-19 mês, faltando ainda contabilizar o dia de ontem, depois de 49 óbitos registados no mês de maio.

> "Desconfinámos rápido de mais, fomos pouco prudentes", diz Carmo Gomes

> Em junho já morreram mais pessoas com covid-19 do que em maio

"Princípio de precaução"

PM em quarentena mesmo vacinado levou PR a pedir esclarecimento. DGS admite rever as regras.

O primeiro-ministro acatou, o Presidente da República questionou e a Direção Geral da Saúde respondeu. Depois de ser anunciado que António Costa ia ficar em confinamento dez dias por ter estado em contacto com um membro de gabinete infetado, mesmo já tendo feito as duas doses da vacina e por decisão das autoridades de saúde, o Presidente pediu publicamente um esclarecimento, mostrando o seu incómodo com a forma como o anúncio foi feito. "Há regras que têm que ser cumpridas, mas penso que se ganha em explicar aos portugueses a razão pela qual quem tem um certificado de vacinação completa há mais de um mês tem que cumprir as mesmas regras de quem ainda não se vacinou ou apenas se vacinou com a primeira dose", afirmou. Questionada pelo *i*, a DGS invoca o "princípio de precaução" e as normas em vigor: "Pelo princípio da precaução em Saúde Pública, no atual momento epidemiológico (...), as pessoas vacinadas são abordadas, no que diz respeito ao isolamento e testagem, respetivamente, da mesma forma que as pessoas não vacinadas." A DGS adianta ainda que a matéria "se encontra em discussão e poderá ser atualizada com base na evolução da evidência científica e se a situação epidemiológica assim o suportar".

Nos Estados Unidos, o Centro de Controlo de Prevenção em Doenças reviu a obrigação de quarentena após uma exposição assintomática de pessoas vacinadas integralmente em maio. Já na Europa, o último parecer do Centro Europeu de Controlo de Doenças, de abril, é que pessoas com a vacinação completa devem continuar a ser abordadas com as regras comuns, admitindo contudo que as autoridades de saúde possam fazer uma análise de risco mais detalhada, considerando vacinados contactos de baixo risco independentemente do tipo de exposição, o que dispensaria o PM de quarentena. Em ambos os casos, são orientações ainda anteriores ao avanço da variante delta, que se tem revelado mais transmissível que as anteriores.